

PERCEPÇÃO DE RISCO DE ADOLESCENTES ESCOLARES EM RELAÇÃO ÀS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS EM DUAS ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO DO ACRE

RISK PERCEPTION OF SCHOOL ADOLESCENTS IN RELATION TO SEXUALLY TRANSMITTED INFECTIONS IN TWO HIGH SCHOOLS OF ACRE

Ruth Silva Lima da Costa¹, Wingley Bortolini da Silva², Kellen Jésseny Oliveira do Nascimento³

1. Enfermagem. Secretaria Estadual de Saúde do Acre e Centro Universitário Uninorte, AC, Brasil
2. Enfermagem. Secretaria Municipal de Saúde de Rio Branco – AC e Centro Universitário Uninorte, AC, Brasil.
3. Enfermagem. Centro Universitário Uninorte. AC, Brasil

*Autor correspondente: ruttylyma@gmail.com

RESUMO

Introdução: A adolescência é uma fase da vida marcada por profundas transformações anatômicas, fisiológicas e psicossociais, muitas vezes levando a condições de vulnerabilidade para as infecções sexualmente transmissíveis que hoje são consideradas uma epidemia mundial e um grave problema de saúde pública. **Objetivo:** Identificar a percepção de risco de adolescentes escolares em relação às Infecções Sexualmente Transmissíveis em duas escolas de ensino médio do Acre. **Método:** Trata-se de um estudo transversal, de dados primários, de abordagem quali-quantitativa de natureza básica, desenvolvido junto a adolescentes estudantes do ensino médio de duas escolas do Acre. **Resultados:** Os resultados apontam que 10 (67%) das adolescentes da escola privada ainda não haviam iniciado a vida sexual contra 7 (47%) das adolescentes da escola pública, fator esse que as torna menos vulneráveis às Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). O estudo mostra ainda que os adolescentes do sexo masculino começam a atividade sexual mais precocemente que o sexo feminino de ambas as escolas, além do que eles demonstraram ter conhecimento sobre as formas de contágio e prevenção das ISTs, porém os adolescentes da escola pública demonstraram uma concepção mais coerente com o preconizado pelo Ministério da saúde, sendo que as meninas de ambas as escolas apresentaram uma melhor percepção sobre formas de contágio e conhecimentos sobre essas infecções. Quanto ao comportamento de risco, os adolescentes do sexo masculino de ambas as escolas possuem atitudes mais propícias à contaminação das ISTs, devido ao fato de possuírem mais parceiros sexuais e demonstrarem ter menos conhecimento sobre as Infecções bem como sobre suas formas de prevenção. **Conclusão:** Conclui-se ser necessário que haja olhar mais adequado sobre a prevenção e assistência da saúde voltadas para os adolescentes dentro dessa temática, através de ações educativas e preventivas que sensibilizem e modifiquem as condutas para a ampliação dos seus conhecimentos e assim contribuir para desenvolverem uma melhor concepção e menos atitudes vulneráveis em relação às ISTs.

Palavras-chave: Vulnerabilidade. Adolescentes. Infecções Sexualmente Transmissíveis.

ABSTRACT

Introduction: Adolescence is a phase of life marked by profound anatomical, physiological and psychosocial transformations, often leading to conditions of vulnerability for sexually transmitted infections that are now considered a worldwide epidemic and a serious public health problem. **Objective:** To identify the risk perception of school adolescents in relation to Sexually Transmitted Infections in two high schools in Acre. **Method:** This is a cross-sectional, primary data, qualitative approach of a basic nature, developed with high school students from two schools in Acre. **Results:** The results show that 10 (67%) of the adolescents in the private school had not yet begun sexual activity against 7 (47%) of the adolescents in the private school, a factor that makes them less vulnerable to Sexually Transmitted Infections (STIs). The study also shows that male adolescents begin sexual activity earlier than the female sex of both schools, in addition to that they have demonstrated knowledge about the forms of contagion and prevention of STIs, but the adolescents of the private school demonstrated a conception more coherent with the one recommended by the Ministry of Health, and the girls from both schools presented a better perception about forms of contagion and knowledge about these diseases. Regarding risk behavior, male adolescents from both schools have attitudes that are more conducive to STI contamination due to the fact that they have more sexual partners and demonstrate less knowledge about Infections as well as their prevention. **Conclusion:** It is concluded that there is a need to look more closely at prevention and health care for adolescents within this theme, through educational and preventive actions that sensitize and modify behaviors to increase their knowledge and thus contribute to develop better conception and less vulnerable attitudes towards STIs.

Keywords: Vulnerability. Adolescents. Sexually Transmitted Infections.

INTRODUÇÃO

Anualmente surgem cerca de 340 milhões de novos casos de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IS's) por ano no mundo, somente no Brasil a incidência anual encontra-se entre 10 e 12 milhões de casos, mas uma proporção significativa é de casos não curáveis, como o herpes genital, o papiloma vírus humano (HPV), a hepatite B e o HIV. Os custos do manejo dessas infecções são relevantes, e elas aparecem entre as principais causas de procura por serviços de saúde na maioria dos países em desenvolvimento,

respondendo por 17% das perdas econômicas com o binômio saúde-doença.¹

As Infecções Sexualmente Transmissíveis representam as patologias caracterizadas pela transmissão de microrganismos infecciosos pelo ato sexual, como, por exemplo, o herpes genital, condiloma acuminado, cancro mole, donovanose, ou as de contaminação facultativa, como sífilis, AIDS e as hepatites virais, e estão dentre os cinco principais motivos de procura aos serviços de saúde, e cerca de um entre vinte adolescentes terão contágio com uma doença venérea a cada ano.² As transformações ocorridas

nas últimas décadas têm modificado os aspectos das ISTs, passando a ser um problema de saúde pública, não somente pelo grande número de casos e pela prevalência, mas também por suas imensas consequências econômicas e psicossociais, pois atingem grande parte das pessoas em idade reprodutiva.³

As ISTs são consideradas sérios problemas de saúde pública, sobretudo entre os jovens, onde a incidência e prevalência não param de aumentar, e que os sinais e sintomas característicos dessas patologias sexuais são: verrugas, corrimento, úlceras, dispareunia, disúria, mal-estar, entre outros. As lesões podem aparecer no pênis, vagina, bolsa escrotal, vulva, colo do útero, ânus, na região perineal e na boca.⁴

A adolescência é uma fase de grandes mudanças e descobrimentos corporais, emocionais, sociais e cognitivas, além de ser o momento da descoberta da sexualidade, onde a grande parte dos jovens começa a ter suas primeiras relações sexuais e em muitos casos devido ao despreparo acaba se tornando vulnerável a adquirir as ISTs.⁵

Nesse sentido, justificam-se os motivos pelos quais a adolescência é o período em que aparecem à maior incidência e prevalência de ISTs, em ambos os sexos e nas diferentes classes sociais e, devido às

grandes diferenças sociais, econômicas e culturais no Brasil e a influência que esses fatores exercem sobre a conduta sexual dos jovens, leva à necessidade de estudos com a participação de adolescentes de escolas públicas e privadas que seriam de grande importância para uma melhor compreensão da temática.⁶

Sendo assim o presente estudo objetivou identificar a percepção de risco de adolescentes escolares em relação às Infecções Sexualmente Transmissíveis em duas escolas de ensino médio do Acre.

MATERIAL E MÉTODO

Trata-se de um estudo transversal, de dados primários, de abordagem quali-quantitativa e natureza básica, realizado através da aplicação de um questionário com perguntas abertas e fechadas.

Participaram do estudo 60 indivíduos de ambos os sexos, de idade entre 16 e 19 anos, matriculados regularmente no período matutino, do 3º ano do ensino médio, sendo 30 estudantes matriculados na instituição de ensino público e 30 estudantes matriculados na instituição de ensino privado, e que aceitaram participar da pesquisa mediante a autorização dos pais.

Foram excluídos do estudo os estudantes do ensino médio que não estudavam no período matutino, menores

de 16 anos e cujos pais não autorizaram sua participação na pesquisa através do preenchimento prévio do termo de assentimento.

A amostra foi calculada com base na quantidade de alunos matriculados na 3ª série do ensino médio do turno matutino das duas escolas, sendo constituída por um total de 60 alunos, sendo 30 de cada escola, mas os sujeitos do estudo foram selecionados pela amostra aleatória simples através de um sorteio.

A coleta de dados ocorreu por meio da aplicação de um questionário com 17 perguntas abertas e fechadas, aplicados durante o horário de aula normal dos estudantes, previamente agendado com as direções das escolas.

Os alunos foram acomodados individualmente em ambiente reservado previamente solicitado, para a realização do preenchimento do questionário. Antes do início do preenchimento do questionário, foi lido e assinado o Termo de Consentimento livre e Esclarecido (TCLE).

As variáveis quantitativas adotadas para o estudo foram: Uso de preservativo na primeira relação sexual, número de parceiros sexuais e percepção dos adolescentes quanto à forma de contágio das ISTs. Os dados quantitativos observaram métodos estatísticos: número absoluto e frequência percentual. Em

seguida, foram expostos e comparados de acordo com as variáveis, em forma de tabelas. A tabulação dos dados seguiu a planilha eletrônica Microsoft Office Excel 2007 e Word 2007. E o arredondamento dos valores foi elaborado de forma eletrônica através do Microsoft Office Excel 2007 considerando-se um algarismo significativo após a vírgula.

O tratamento dos dados qualitativos se deu por meio da análise qualitativa de conteúdo, comendo-se de leituras flutuantes, e releituras, emergindo núcleos de significados no conjunto do material sob análise. Esses dados foram expressos em um quadro, respeitando fielmente a fala dos adolescentes, e com o intuito de preservar o sigilo dos sujeitos participantes do estudo, foi utilizada a letra “E” nas citações de suas respostas, mas para os alunos da escola pública foram acrescentadas as letras PU, e da escola privada PR, seguidas do respectivo número a eles correspondente.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa do Hospital das Clínicas do Acre (FUNDHACRE) obtendo o número do parecer: 152.825 e CAAE 07012612.2.1001.5009.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tabela 01: Avaliação do uso de preservativos na primeira relação sexual dos adolescentes quanto ao gênero, de duas escolas de ensino médio pública e privada de Rio Branco – Acre em 2018.

Uso do Preservativo na primeira relação sexual	ESCOLA PRIVADA				ESCOLA PÚBLICA			
	Sexo Feminino		Sexo Masculino		Sexo Feminino		Sexo Masculino	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Sim	2	13,0	11	73,0	8	53,0	7	47,0
Não	3	20,0	0	0	0	0	5	33,0
Não iniciou a vida sexual	10	67,0	4	27,0	7	47,0	3	20,0
Total	15	100,0	15	100,0	15	100,0	15	100,0

Na tabela 01 evidencia-se o uso de preservativo pelos adolescentes na primeira relação sexual, observa-se que 10(67%) das adolescentes da escola privada ainda não haviam iniciado a vida sexual contra 7(47%) das adolescentes da escola privada, fator esse que as torna menos vulneráveis às ISTs. No que se refere ao uso do preservativo, 11(73%) do sexo masculino e 2(13%) do sexo feminino dos adolescentes da escola privada alegaram ter feito uso, enquanto que 8(53%) do sexo feminino e 7 (47%) do sexo masculino da escola pública declararam o uso na primeira relação sexual.

O resultado exposto na tabela 1 ainda chama atenção para o fato de que 3 (20%) das adolescentes da escola privada não utilizaram o preservativo na primeira relação e 5(33%) dos adolescentes da escola pública também não utilizaram o

preservativo, comportamento esse que os torna vulneráveis à aquisição das doenças.

De acordo com um estudo realizado sobre o uso de contracepção por adolescentes de escolas públicas na Bahia⁷, os principais motivos alegados para a não utilização da camisinha são: não gostar de usá-las, confiar no parceiro e a imprevisibilidade das relações sexuais.

Em um outro estudo que avaliou os conhecimentos de adolescentes sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis⁸ quanto à forma da prevenção das mesmas as meninas mostram ter mais informações e conhecimentos do que os meninos, principalmente no que diz respeito ao uso de preservativos.

Foi evidenciado na tabela acima que os adolescentes do sexo masculino da escola privada que já iniciaram a vida sexual, em sua totalidade fizeram o uso do

preservativo, fato esse que divergiu dos adolescentes da escola pública, o que pode ser reafirmado no estudo de Martins⁹ em que a prevalência de uso do preservativo masculino na primeira relação sexual foi maior entre adolescentes das escolas privadas e que o conhecimento acerca da importância desse método preventivo está associada ao nível socioeconômico e ao sexo.

Conforme o estudo de Paiva¹⁰, o uso do preservativo na primeira relação sexual

entre os jovens de 16 e 19 anos teve aumento entre 1998 e 2005, a mudança pôde ser observada tanto entre os que tiveram a primeira experiência em relacionamento estável, como entre os que tiveram iniciação em relacionamento eventual, isso demonstra avanço para os programas dedicados ao controle da epidemia de AIDS no Brasil, cujo foco central é a promoção do uso do preservativo, fato esse que corrobora o resultado encontrado neste estudo.

Tabela 02: Avaliação dos adolescentes quanto ao número de parceiros sexuais, de duas escolas de ensino médio pública e privada de Rio Branco – Acre em 2018.

Adolescentes com mais de um parceiro sexual	ESCOLA PRIVADA				ESCOLA PÚBLICA			
	Sexo Feminino		Sexo Masculino		Sexo Feminino		Sexo Masculino	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Sim	0	0	8	53,0	1	7,0	6	40,0
Não	5	33,0	3	20,0	7	47,0	6	40,0
Não iniciou a vida sexual	10	67,0	4	27,0	7	47,0	3	20,0
Total	15	100,0	15	100,0	15	100,0	15	100,0

Os dados da tabela 2 evidenciam que os adolescentes do sexo masculino tanto da escola privada 8(53%), quanto da escola pública 6(40%), têm mais parceiros sexuais dos que as adolescentes de ambas as escolas, corroborando os achados de Szwarcwald¹¹ no estudo sobre o comportamento sexual de risco: fatores associados ao número de parceiros sexuais e uso de preservativos em adolescentes que ressalta que as

adolescentes mostram menos probabilidade de ter dois ou mais parceiros, o estudo afirma ainda que a baixa escolaridade do adolescente associa-se ao aumento do número de parceiros sexuais, indicando que o processo de escolarização contribui para o estabelecimento para o comportamento sexual do adolescente.

Uma pesquisa realizada em Porto Alegre (RS) com adolescentes entre 15 e 25 anos, em relação ao perfil do comportamento

sexual¹², indicou que 32,1% nunca haviam tido relações sexuais; 15,9% já haviam se iniciado sexualmente, mas não mantinham uma frequência constante de relações sexuais; 33,1% tinham atividades sexuais somente com seus parceiros fixos; 3,8%

com parceiros fixos e outras pessoas; e 13,6% mantinham relações sexuais sem parceiro fixo, resultados esses que se assemelham aos encontrados no presente estudo.

Quadro 01: Percepção dos adolescentes quanto ao conhecimento sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis, de duas escolas de ensino médio pública e privada de Rio Branco – Acre em 2018.

ESCOLA PÚBLICA	RESPOSTAS	ESCOLA PRIVADA	RESPOSTAS
SEXO FEMININO		SEXO FEMININO	
E- PU 1	<i>“São doenças causadas por descuidos das pessoas, muitas por não saberem e outras por saberem, mas não ligarem para as consequências.”</i>	E- PR 1	<i>“Patologias transmitidas pelo contato sexual e outros meios.”</i>
E- PU 2	<i>“Eu acho que são doenças transmitidas através do sexo. Como por exemplo: a AIDS, Sífilis, etc.”</i>	E- PR 2	<i>“São doenças transmitidas por via sexual.”</i>
E- PU 3	<i>“Algumas doenças transmitidas que podem matar, como no caso do HIV e não tem cura.”</i>	E- PR 3	<i>“Aqueles doenças que contraímos através de relações sexuais desprotegidas, como a sífilis e a AIDS.”</i>
E- PU 4	<i>“São doenças causadas por descuidos das pessoas, muitas por não saberem e outras por saberem, mas não ligarem para as consequências.”</i>	E- PR 4	<i>“Doenças transmitidas pelo sexo como AIDS e gonorreia.”</i>
E- PU 5	<i>“São doenças que se pegam através do sexo que tem o cheiro muito ruim e aparência também é muito feia.”</i>	E- PR 5	<i>“Transmitida quando a pessoa não usa camisinha”.</i>
SEXO MASCULINO		SEXO MASCULINO	
E- PU 6	<i>“Eu entendo que são doenças fáceis de evitar, mas se alguém ficar doente de alguma delas é difícil de curar.”</i>	E- PR 6	<i>“São doenças transmitidas pelo ato sexual sem proteção, contato íntimo com infectados.”</i>
E- PU 7	<i>“São doenças que na maioria das vezes não têm cura e muitas vezes levam a pessoa ao isolamento por medo da sociedade de transmitir a doença.”</i>	E- PR 7	<i>“São doenças transmitidas através do sexo sem segurança.”</i>
E- PU 8	<i>“Que algumas podem matar.”</i>	E- PR 8	<i>“Doenças que causam</i>

			<i>grandes problemas no ser humano e que são transmitidas a partir da relação sexual sem camisinha.”</i>
E- PU 9	<i>“Bem entendo quase nada, mas faço o máximo possível para me preservar.”</i>	E- PR 9	<i>“Entendo que são doenças sexualmente transmissíveis aquelas em que se obtêm através de relações sexuais, quando não se usa preservativo.”</i>
E- PU 10	<i>“São doenças que as pessoas pegam depois do ato sexual que fizeram sem camisinha.”</i>	E- PR 10	<i>“São doenças transmitidas pelo ato sexual sem proteção, com contato íntimo com infectados, etc.”</i>

Mediante as informações contidas no quadro 1, evidencia-se que, quando questionados a respeito do conhecimento sobre as Infecções sexualmente transmissíveis, as respostas que mais se aproximaram dos conceitos preconizados pelo Ministério da saúde foram as dos alunos da escola privada, enquanto os alunos da escola pública tiveram menos percepção do que realmente seriam as ISTs. Comparando as respostas quanto ao gênero, os adolescentes do sexo feminino de ambas as escolas demonstraram ter um conhecimento melhor sobre as infecções. Este resultado vai de encontro ao estudo de Teixeira¹³, que evidenciou que os adolescentes têm um conhecimento sobre

as Infecções Sexualmente Transmissíveis maior que as pessoas adultas, e o grau de informação cresce de acordo com a melhoria nas condições socioeconômicas, juntando-se, ainda a questão do gênero, em que as meninas se mostram mais bem informadas do que os meninos.

Um outro estudo realizado com adolescentes em escolas públicas e particulares de Ensinos Fundamental e Médio do município de São Paulo⁹, sobre fatores associados ao uso de preservativo masculino e ao conhecimento sobre ISTs, evidenciou que eles apresentam conhecimento adequado para a prevenção, porém esse conhecimento não determina a adoção de atitudes efetivas na prevenção.

Tabela 03: Percepção dos adolescentes das escolas pública e privada sobre as formas de contágio das Infecções Sexualmente Transmissíveis de Rio Branco – Acre em 2018.

PERGUNTAS: Como se contraem as IST'S?	ESCOLA PRIVADA				ESCOLA PÚBLICA			
	Sexo Feminino		Sexo Masculino		Sexo Feminino		Sexo Masculino	
	N	%	N	%	N	%	N	%
<i>Contato sexual sem preservativo?</i>	7	47,0	9	60,0	8	62,0	7	50,0
<i>Contato sexual e transfusões de sangue?</i>	2	13,0	5	33,0	0	0	2	14,0
<i>Contato sexual e sexo oral ou anal?</i>	4	27,0	1	7,0	2	15,0	4	22,0
<i>Contato sexual e compartilhar material contaminado?</i>	2	13,0	0	0	5	23,0	2	14,0
Total	15	100,0	15	100,0	15	100,0	15	100,0

Na tabela acima pode-se verificar que relativamente ao conhecimento dos adolescentes quanto à forma de contágio das ISTs observa-se que a maioria dos adolescentes de ambas as escolas respondeu que as doenças são contraídas através de contato sexual sem preservativo. Muitos deles também consideraram a transfusão de sangue como a principal forma de contágio dessas doenças. Em uma análise geral todas as respostas estão corretas, entretanto observamos que ainda existe de certa forma, falta de informação dos jovens sobre o tema, pois nenhum deles relacionou conjuntamente todos os fatores de risco para o contágio das ISTs.

O estudo de Carleto¹⁴ expressa que o conhecimento dos jovens quanto às formas de transmissão das ISTs e AIDS é pequeno, tendo em vista que no estudo dele nenhum adolescente relatou saber de todas as formas de contágio, e seus resultados chamam a atenção para a consequente vulnerabilidade a que os adolescentes estão expostos, pois não saber reconhecer as formas de transmissão está intimamente relacionado com sua conduta de prevenção, no entanto os resultados do presente estudo divergem desses resultados uma vez que os achados demonstram o conhecimento dos adolescentes sobre a temática, fator este

positivo no sentido de os tornar menos vulneráveis a essas infecções.

Segundo Silva e Moura¹⁵, em um estudo realizado para avaliar o nível de conhecimento sobre ISTs com adolescentes do ensino médio em Cuiabá, os alunos em sua maioria relataram buscar informações sobre as formas de contágio de ISTs às vezes e quando acham necessário, que buscam informações com amigos e que sabem que AIDS é transmitida por vírus, fato esse que pode

ser considerado satisfatório. Todavia percebe-se que ainda há um longo caminho a ser percorrido para que os adolescentes e jovens realmente se conscientizem sobre o uso do preservativo em todas as suas relações.

Quando questionados quanto ao conhecimento sobre os métodos de prevenção contra doenças sexualmente transmissíveis, obtiveram-se as seguintes respostas de adolescentes, expressas no quadro 2.

Quadro 02: Conhecimento dos adolescentes de duas escolas de ensino médio pública e privada de Rio Branco – Acre sobre os métodos de prevenção contra as ISTs em 2018.

ESCOLA PÚBLICA	ESCOLA PRIVADA
<p><i>'O uso de preservativo, camisinha masculina e feminina.'</i> (E- PU 1, E- PU 3, E- PU 11 e E- PU 14)</p> <p><i>"Usar camisinha, pílulas, não se relacionar com pessoas que pareçam ter doenças..."</i> (E- PU 5, E- PU 10).</p> <p><i>"Não fazer sexo sem camisinha, se cuidar, ir sempre ao médico pra saber se está tudo bem."</i>(E- PU 4, E- PU 8, E- PU 6)</p> <p><i>Camisinha, pílulas e injeção.</i> (E- PU 13, e E- PU 9)</p> <p><i>"Sempre ir ao médico para realizar prevenção de doenças, utilizar anticoncepcionais, DIU, camisinha e o mais importante, se informar através de palestras, no jornal, internet, ou com amigos, até mesmo com a família, sobre o perigo dessas doenças e o que irão gerar no futuro. "</i> (E- PU 2)</p> <p><i>'O uso de preservativo, feminino ou masculino. Não manter relação com vários parceiros, seria ótimo, saber se seu parceiro tem alguma doença, dizem que o sexo oral também pode contaminar.....'</i> (E- PU -7)</p> <p><i>"Camisinha, pílula do dia seguinte, injeções e outros que eu conheço, mas não sei falar o nome. "</i> (E- PU 12)</p> <p><i>"Eu conheço o preservativo, pílula anticoncepcional, o principal, a consciência de cada um em fazer sexo com a primeira pessoa que aparecer, o certo seria conhecer melhor a pessoa. "</i> (E- PU 15)</p>	<p><i>'O uso dos preservativos e de pílulas anticoncepcionais.'</i> (E-PR 3, E-PR 12, E-PR 15)</p> <p><i>"Usar camisinha, evitar relações com pessoas desconhecidas, usar pílulas anticoncepcionais."</i> (E-PR 1, E-PR 10)</p> <p><i>"Usar camisinha, fazer sempre exames para verificar se está tudo bem com você e com seu parceiro."</i> (E-PR 6, E-PR 5)</p> <p><i>"Usar camisinha."</i> (E-PR 2, E-PR 7, E-PR 8, E-PR 9, E-PR 11, E-PR 14, E-PR 4, E-PR 13)</p>

A partir dos relatos observa-se que os adolescentes das duas escolas têm um conhecimento básico dos meios de prevenção contra ISTs, porém verifica-se uma distorção por parte deles desses métodos uma vez que muitos acreditam que anticoncepcionais são meios de prevenção juntamente com o preservativo. Percebe-se, porém, que eles julgam como sendo importante conhecer o parceiro sexual ou não ter relações com muitas pessoas, e isso demonstra conscientização quanto a não ter múltiplos parceiros na vida sexual, além da importância de fazer exames de rotina para identificar precocemente uma possível contaminação.

Nossos resultados corroboram com o estudo de Teixeira¹³ em que o uso da camisinha foi apontado como a primeira escolha de prevenção em todas as relações sexuais, o que demonstra um bom nível de conhecimento preventivo por parte dos adolescentes, e que ainda como forma de prevenção muitos alunos relataram que consultar o médico regularmente pode prevenir as ISTs e certificar-se de que o parceiro não tem nenhuma doença, o que também foi corroborado no estudo de Silva, Bretas e Fernandes.¹⁶

Estudo realizado com 2.684 alunos de Ensino Médio de Rio Branco/Acre, para verificar aspectos da atividade sexual e a ocorrência de DST/AIDS, concluiu que

98,7% dos alunos sabiam o que era uma DST/AIDS, enquanto que o conhecimento das formas de contrair uma DST/AIDS foi de 96%.¹⁷.

Bandeira e Martini¹⁸, em um estudo onde se descobriu que com referência às estratégias de prevenção das ISTs, os meios de prevenção citados pelos adolescentes com maior frequência foram o uso do preservativo e o uso individual de seringas e agulhas descartáveis ou esterilizadas, indicando resultados das estratégias de informação utilizadas pelos diferentes seguimentos sociais, porém no seu estudo houve diversas contradições nas respostas dos adolescentes, e isso identifica a necessidade de que sejam desenvolvidos e implantados, através das instituições governamentais, projetos e ações para atender os adolescentes no que se refere à prevenção e transmissão dessas doenças.

É preocupante o fato de os adolescentes pensarem que conhecer o parceiro elimina, todos os riscos de se adquirir uma infecção sexualmente transmissível, o que coloca em risco o adolescente, pois elas têm um período de latência para o aparecimento de sintomas, além de formas subclínicas, não perceptíveis ao contato sexual, resultado esse que diverge do resultado encontrado no presente estudo uma vez que a maioria dos relatos concorda que conhecer o

parceiro pode ser uma das formas de se evitar a contaminação por essas doenças.¹⁹

As informações sobre formas de transmissão e prevenção, por si sós, não são suficientes para a adoção de comportamentos protetores. Porém a falta de informações básicas contribui para aumentar a vulnerabilidade dos adolescentes.¹³

Atentar para sexualidade dos adolescentes é uma necessidade que pode contribuir para reduzir problemas no que diz respeito à sua vida pessoal e social. Salientamos o papel fundamental da escola em sua educação sexual, visto ser esse o ambiente adequado para a aprendizagem não só da anatomia e da fisiologia do corpo humano, de métodos de prevenção da gravidez precoce e das ISTs, mas também para o desenvolvimento de sua autonomia.²⁰

CONCLUSÃO

Conclui-se que os adolescentes do sexo masculino começam a atividade sexual mais precocemente que o sexo feminino de ambas as escolas, apesar de maioria deles não haver iniciado ainda a atividade sexual. Detectou-se também que os escolares de ambas as escolas demonstraram ter conhecimento sobre as formas de contágio e prevenção das ISTs, fator esse positivo no sentido de os tornar menos vulneráveis

a elas, porém os alunos da escola privada demonstraram uma concepção mais coerente com o preconizado pelo Ministério da Saúde.

Quanto à análise por gênero, observou-se que as adolescentes de ambas as escolas apresentaram uma melhor percepção sobre formas de contágio e conhecimentos sobre essas doenças.

Quanto ao comportamento de vulnerabilidade, os adolescentes do sexo masculino de ambas as escolas, possuem atitudes mais propícias à contaminação das IST's, devido ao fato de possuírem mais parceiros sexuais e demonstrarem ter menos conhecimento sobre as Infecções e suas formas de prevenção.

Nesse sentido, os resultados deste estudo podem contribuir para um olhar mais adequado sobre a prevenção e assistência da saúde voltadas para os adolescentes dentro dessa temática, e, dessa forma, auxiliar na implementação de novas políticas públicas de saúde direcionadas a esse grupo etário, ações educativas e preventivas que sensibilizem e modifiquem as condutas além da orientação desses adolescentes para a ampliação de seus conhecimentos e, assim, contribuir para desenvolverem uma melhor concepção e menos atitudes vulneráveis em relação às ISTs.

REFERÊNCIAS

1. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de IST, Aids e Hepatites Virais. **Pesquisa de conhecimento, atitudes e práticas na população brasileira.** 126p, 2011a.
2. COATES, V; BEZNOS, G.W; FRANÇOSO, L. Medicina do Adolescente. 2 ed. São Paulo: **Sarvier**, 2003.
3. FERNANDES, A. M. S. *et al.* **Conhecimento, atitudes e práticas de mulheres brasileiras atendidas pela rede básica de saúde em relação às doenças de transmissão sexual.** Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 16, p. 103-112, 2000.
4. BRASIL, Ministério da saúde. **A saúde de adolescentes e jovens: uma metodologia de auto-aprendizagem para equipes de atenção básica de saúde.** Série F. n. 17. Brasília, 2002.
5. PONTES, A.P.M. *et al.* Conhecimentos e práticas de adolescentes acerca das DST/HIV/AIDS em duas escolas públicas municipais do Rio de Janeiro. Esc. Anna Nery. **Rev. Enf.** Vol.13. 2009.
6. SPARTA, M; GOMES, W. B. Importância atribuída ao ingresso na educação superior por alunos do ensino médio. **Rev. Bras. Orienta. Prof.** São Paulo, v. 6, n. 2, dez.2005.
7. ALMEIDA, M. C. C. *et al.* Uso de contracepção por adolescentes de escolas públicas na Bahia. **Revista de Saúde Pública**, 37:566-575. 2003.
8. BRÊTAS J.R.S, *et al.* Conhecimentos de adolescentes sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis: subsídios para prevenção. **Acta Paul Enferm.** 22(6): 786-792. 2009.
9. MARTINS L.B.M *et al.* Fatores associados ao uso de preservativo masculino e ao conhecimento sobre DST/AIDS em adolescentes de escolas públicas e privadas do Município de São Paulo, Brasil. **Cad Saúde Pública.** 22:315-23. 2006.
10. PAIVA, V. *et al.* Idade e uso de preservativo na iniciação sexual de adolescentes brasileiros. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, 2008.
11. SZWARCOWALD C.L. *et al.* Aids: A disseminação da epidemia da AIDS no Brasil, no período de 1987-1996: uma análise espacial. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro. 2000.
12. CÂMARA, S. G., Sarriera, J. C., & Carlotto, M. S. Predictores de conductas sexuales de riesgo entre adolescentes. **Revista Interamericana de Psicologia**, 41(2), 161-166. 2007.
13. TEIXEIRA A.M.F.B *et al.* Adolescentes e uso de preservativos: as escolhas dos jovens de três capitais brasileiras na iniciação e na última relação sexual. **Cad Saúde Pública.** 22(7):1385-96. 2006.
14. CARLETO, A. P *et al.* Conhecimentos e Práticas dos Adolescentes da Capital de Mato Grosso quanto às DST/Aids. Cuiabá, 2010; **Jornal Brasileiro**, Cuiabá, 2010.
15. SILVA, D.S.; MOURA, J. M. **Avaliação do nível de informação das doenças sexualmente transmissíveis (DST's) e HIV/AIDS dos estudantes do ensino médio do IFMT Campos Bela Vista- Cuiabá/ MT.** 2011. Disponível em: <http://www.ibeas.org.br/congresso/Trabalhos2011/VII-014.pdf>.

16. SILVA. C.V; BRÊTAS, J.R.S; FERNANDES C.N. Conhecimento de adolescentes sobre doenças sexualmente transmissíveis/ AIDS. **Rev Paul Enferm**;22(1):12-21. 2003.
17. NASCIMENTO, L.C. S. & LOPES, C. M. Atividade sexual e doenças sexualmente transmissíveis em escolares do 2º grau de Rio Branco-Acre, Brasil. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, 8(1), 107-13. 2000.
18. BANDEIRA, A. S; MARTINI, J. G. Saberes e práticas dos adolescentes na prevenção das doenças sexualmente transmissíveis. Brasília (DF): **Rev Bras Enferm.**, vol. 56, n.2, p.160-163. 2003.
19. ETO, A. M *et al.* Fatores associados ao uso de preservativo masculino e ao conhecimento sobre DST/AIDS em adolescentes de escolas públicas e privadas do Município de São Paulo, Brasil. Rio de Janeiro: **Cad. Saúde Pública**. vol. 22, n.2, p. 315-323. 2006.
20. NASCIMENTO, M.G; XAVIER, P.F; SÁ, R.D.P. Adolescentes grávidas: a vivencia no âmbito familiar e social. **Adolescência & Saúde** 8.4: 41-47.2000.